

Educação Financeira, Consumo e Sustentabilidade Ambiental

Alessandro Marco Rosini

Centro Universitário das Faculdades Metropolitanas Unidas

alessandro.rossini@fmu.br

José Flávio Messias

Universidade São Judas Tadeu

jflaviomessias@hotmail.com

Angelo Palmisano

Centro Universitário das Faculdades Metropolitanas Unidas

angelo.palmisano@fmu.br

Orlando Roque da Silva

Centro Universitário das Faculdades Metropolitanas Unidas

orlando.silva@fmu.br

RESUMO

O presente estudo discute a importância da conscientização individual, corporativa e do próprio governo para a busca do equilíbrio do sistema econômico vigente, baseado na forte concorrência em escala global, na elevação da produtividade e do hiperconsumo, levando a natureza a apresentar sinais de esgotamento. Para tanto, a adoção de padrões de consumo e de produção vinculados à disponibilidade de recursos que o meio ambiente pode fornecer atualmente, otimizando os recursos existentes, evitando o desperdício, equilibrando os ecossistemas existentes. Na esfera individual, o consumo consciente e o equilíbrio orçamentário são fatores fundamentais neste processo, assim como as empresas podem adotar os princípios de governança corporativa, com maior transparência e equilíbrio, visando à perpetuidade da empresa e os ganhos non longo prazo, buscando ações conjuntas com a sociedade na busca de soluções para a obtenção da sustentabilidade econômica, social e ambiental.

Palavras-chave: Educação financeira, Consumo e desenvolvimento, Sustentabilidade, Cultura e ética.

Data do recebimento do artigo: 08/02/2015

Data do aceite de publicação: 15/06/2015

INTRODUÇÃO

O modelo de desenvolvimento atual, baseado no avanço das tecnologias, elevação da produtividade e do avanço da economia intangível, cria bens e serviços e padrões de comportamento e de consumo compatíveis com a sua estrutura. Na medida em que estes padrões geram sérios prejuízos para o meio-ambiente, a ponto de provocar o desequilíbrio do sistema: a poluição, a destruição da camada de ozônio, a elevação das temperaturas, o derretimento de enormes áreas antes formadas por geleiras, a escassez de recursos não renováveis, a exploração da mão-de-obra em busca incessante do lucro, traçam um cenário nebuloso quanto à continuidade da espécie se mudanças drásticas não sejam colocadas em prática.

Sendo assim, vamos abordar a importância da conscientização da situação atual, em termos de sustentabilidade econômica e da vida, e propor mudanças culturais, que norteiem as escolhas dos padrões de consumo e produção fundamentados na estabilidade do meio ambiente, na otimização dos recursos e dos processos, proporcionando uma melhor qualidade de vida e a sustentabilidade nas esferas social, econômica e ambiental.

Vamos discutir o funcionamento da estrutura econômica de nossa sociedade, baseada no consumo e suas distorções, os impactos que a mesma tem gerado no meio-ambiente, a importância da sustentabilidade e finalmente abordar o contexto e relevância da educação como fator de conscientização comportamental no que se refere ao padrão de consumo e o equilíbrio financeiro das famílias e dos indivíduos.

A SOCIEDADE DE CONSUMO

A partir do surgimento da terceira revolução industrial e da reestruturação do capitalismo mundial que se processou nas últimas décadas, houve um rompimento do paradigma industrial e tecnológico baseado no Fordismo, iniciou-se um processo de reorganização do capital e de um intenso processo de reestruturação e pulverização da produção, o acirramento da concorrência na busca de novos mercados consumidores, mudando o perfil da sociedade capitalista, de economia industrial para economia do conhecimento.

Cabe ressaltar que existem muitas outras denominações para referir-se ao fenômeno: “economia intangível”, “economia do saber”, “economia da informação” e “economia

imaterial”. As imagens e os conhecimentos têm mais importância do que os produtos, as máquinas e as matérias-primas. Observamos o predomínio das tecnologias da informação e da comunicação; a propriedade intelectual (patentes, marcas, publicidade e serviços financeiros); os bancos de dados e jogos e biotecnologias MESSIAS, 2001).

A mola propulsora para esta transição é o aumento da produtividade, através de inovações realizadas em tecnologia, organização e administração – que são traduzidas pelos empreendedores em negócios mais eficazes, ampliando a oferta de produtos e serviços, passando a utilizar menos trabalho, materiais ou energia, tornando-se mais competitivos.

Quanto mais complexa se torna a sociedade, maiores são suas necessidades e, conseqüentemente, maior a demanda de recursos para fazer mover o mecanismo que impulsiona o seu desenvolvimento. E este incremento de energia necessária não ocorre de maneira aritmética, mas sim de maneira exponencial (OLIVEIRA, 2007).

Além do colapso dos recursos naturais, alguns outros fantasmas acompanham o aumento frenético deste consumo. O impacto antrópico é a consequência mais óbvia e imediata desta situação, já que a tendência é de que as diferenças sociais se acentuem na medida em que os recursos naturais minguem. O Preço dos recursos disponíveis proibirá o acesso a eles por parte menos favorecidos.

“O esgotamento das florestas, a alteração da qualidade da água e dos oceanos e rios e a alteração dos ecossistemas pela extinção dos animais que fazem parte deste intrincado equilíbrio farão com que o clima se modifique abruptamente, tornando inabitáveis áreas que hoje são férteis. Além disso, a relativa disponibilidade de alimentos será alterada pela modificação da cadeia alimentar, tornando a sobrevivência de seres mais frágeis, situados na base da pirâmide, progressivamente mais perigosa” (OLIVEIRA, 2007).

A manutenção das condições naturais adequadas para a sobrevivência do planeta e seus ecossistemas ativos é direta e proporcionalmente relacionada ao tipo de comportamento adotado pelo homem. Um comportamento regrado no respeito permitirá a relação simbiótica duradoura e saudável para ambas as partes, ao passo que o comportamento predatório e agressivo leva incondicionalmente à falência de um dos sistemas e, conseqüentemente dos demais.

Trata-se de uma clara relação de causa e efeito, tão lógica e de consequências tão previsíveis quanto a qualquer outra, com a diferença de que, por serem estes efeitos de médio e longo prazo, ocorrem de maneira nebulosa. E talvez seja esta razão de tantas e tão invasivas intervenções humanas no ambiente que nos envolve (OLIVEIRA, 2007).

“Toda a vida das sociedades nas quais reinam as condições modernas de produção se anuncia como uma imensa acumulação de espetáculos. Tudo o que era diretamente vivido se esvai na fumaça da representação. A realidade considerada parcialmente reflete em sua própria unidade geral um pseudo mundo à parte, objeto de pura contemplação... O espetáculo não é um conjunto de imagens, mas uma relação social entre pessoas midiaticizada por imagens” (DEBORD, 2003).

“Ninguém duvida de que, em muitos casos, a febre de compras seja uma compensação, uma maneira de consolar-se das desventuras da existência, de preencher a vacuidade do presente e do futuro. Mas será que essa febre não é apenas escapista, diversão pascaliana, fuga em face de futuro desprovido de futuro imaginável e transformado em algo caótico e incerto? Na verdade, o que nutre a escala consumista é indubitavelmente tanto a angústia existencial quanto o prazer associada às mudanças, o desejo de intensificar o cotidiano” (PEREIRA e OUTROS, 2012).

O consumismo é um traço peculiar marcante da sociedade contemporânea que causa impactos inquietantes sobre o ambiente natural e construído. A sociedade capitalista industrial institui o mito do consumo como sinônimo de bem-estar e meta prioritária do processo de civilização. A capacidade aquisitiva vai, gradualmente, se transformando em medida para valorizar os indivíduos e fonte de prestígio social. A angústia de obter e aumentar bens deixa de ser um meio para a realização da vida, tornando-se um fim de si mesmo, o símbolo da felicidade capitalista.

O pensamento elitista, ou seja, a necessidade de ostentação e de diferenciação das demais pessoas que a compõem a sociedade, traz em si o individualismo. Nesse sentido, o universo do luxo não funciona dentro de uma posição classista. O Luxo de oposição de classes está se “desinstitucionalizando” dando espaço ao “luxo livre”, livre de prescrições sociais e voltado às aspirações e motivações individualistas (PEREIRA e OUTROS, 2012).

“A primeira fase da dominação da economia sobre a vida social levou, na definição de toda a realização humana, a uma evidente degradação do ser em

ter. A fase presente da ocupação total da vida social em busca de acumulação de resultados econômicos conduz a uma busca generalizada do ter e do parecer, de forma que todo o “ter” efetivo perde seu prestígio imediato e a sua função última. Assim, toda a realidade individual se tornou social e diretamente dependente do poderio social obtido onde o mundo real se converte em simples imagens, estas simples imagens tornam-se seres reais e motivações eficientes típicas de um comportamento hipnótico” (DEBORD, 2003).

SUSTENTABILIDADE ECONÔMICA E AMBIENTAL

Os padrões de consumo impostos pelo sistema capitalista priorizam o descarte e o lucro como formas indicativas de desenvolvimento. Nessa perspectiva, o meio ambiente não possui qualquer importância no contexto socioeconômico constituído.

A expansão da capacidade produtiva tem conduzido o planeta a uma degradação ambiental sem precedentes e a necessidade categórica de mudanças de rumo. Faz-se necessário a adoção de um modelo que iniba o consumo insustentável de alguns recursos naturais, equilibrando os padrões mundiais de consumo e produção compatíveis com a oferta de recursos disponíveis, obtendo dessa forma, a sustentabilidade.

O nível de desenvolvimento das forças produtivas (o nível de desenvolvimento tecnológico e da produtividade do trabalho, entre outros) determina e explica o conjunto de relações sociais de produção, a estrutura econômica da sociedade, que por sua vez, determina e explica as formas políticas, jurídicas e culturais que dominam a sociedade (SANTOS, 1997).

Os princípios e diretrizes da sustentabilidade devem ser buscados de forma ampla e contínua do equilíbrio dos pilares social, ambiental e econômico, dado a interação existente entre os princípios norteadores da sociedade e a base econômica da sociedade.

A perspectiva *Triple Bottom Line*, parte do pressuposto que a sustentabilidade é o resultado do equilíbrio entre os pilares sociais, ambientais e econômicos, sendo necessário ampliar a capilaridade das informações e dos conteúdos socioambientais para um *upgrade* em larga escala. Uma cultura de sustentabilidade junto a pessoas físicas e jurídicas é um imperativo categórico para o equilíbrio do sistema, na medida em que as partes valorizem escolhas, iniciativas, produtos e serviços desenvolvidos sobre as bases da sustentabilidade (LAVORATO, 2013).

Os princípios e diretrizes são baseados em valores e estes são inerentes a aspectos culturais de cada indivíduo ou empresa, ou seja, a sustentabilidade congrega valores que estão alicerçados na lógica (inteligência para o desenvolvimento de soluções) e pelo respeito ao bem estar de todos os seres vivos do planeta, a ética.

A sustentabilidade é a inteligência exercida com ética, e, para esta premissa se tornar realidade, precisa estar internalizada na cultura organizacional e pessoal, norteando escolhas e fundamentando decisões, determinando padrões de conduta (LAVORATO, 2013).

Sob o ponto de vista empresarial, sustentabilidade pode ser considerada de maneira abrangente como sinônima de desenvolvimento empresarial sustentável, conceito relacionado à disposição de satisfazer necessidades presentes sem comprometer as possibilidades das gerações futuras às suas próprias necessidades. De forma específica, a sustentabilidade empresarial também pode visar aspectos relacionados à longevidade e sucesso de longo prazo (Rodriguez & Brandão, 2010).

Em função da eclosão de diversos escândalos corporativos como a Enron, Worldcom, Tyco, Barings Bank, entre outros, que gerou enormes prejuízos aos acionistas, foi criada a Lei Sarbanes-Oxley em 2002, surgindo então a concepção de Governança corporativa.

De acordo com a Comissão de Valores Mobiliários – CVM, em suas recomendações, define “A Governança é um conjunto de práticas que tem a finalidade de otimizar o desempenho de uma companhia ao proteger todas as partes interessadas, tais como: investidores, empregados e credores, facilitando ao acesso ao capital. A análise das práticas de governança corporativa praticada ao mercado de capitais envolve, principalmente: a transparência, a equidade de tratamento dos acionistas e a prestação de contas” (CVM, 2002).

Trata-se de uma questão de sobrevivência empresas, pois na medida em que “na sociedade do espetáculo” que vivemos, pautada na aparência, citada por Debord, a imagem da empresa e como ela trabalha as questões ambientais e de sustentabilidade são muito importantes, a emissão de ações como forma de captação de recursos implica numa perspectiva de lucro de longo prazo, impossível de ser atingida se os processos produtivos e sua proposta de atuação seja meramente imediatista.

Cabe ainda ressaltar também o papel das mídias sociais, dada a sua velocidade de propagação, têm exigido das empresas respostas rápidas quanto a sua postura frente à sociedade, catástrofes naturais geradas por erros e até negligência por partes de ações empresariais são mal vistas pelos investidores, consumidores e utilizada por concorrentes para ganhar espaço no mercado altamente concorrencial.

Sob o ponto de vista dos consumidores, além da valorização de produtos e serviços que valorizem a sustentabilidade do planeta, através da parcimônia de recursos, reutilização dos materiais, utilização de energia limpa, entre outros, as decisões de consumo devem ser focadas em suas necessidades reais e não as necessidades “criadas” pelas ações de marketing e publicidade, rompendo com o padrão consumista atual, centrado no ter e não no ser, servindo de escapismo para as frustrações decorrentes das inseguranças e incertezas provocadas pela sociedade moderna.

Por outro lado, temos também a questão do equilíbrio financeiro deste, na medida em que a pressão das empresas para escoarem os seus produtos e o próprio governo incentivam o consumo através de redução dos juros, expansão do crédito e outras facilidades, faz com que muitas pessoas e famílias tornem-se inadimplentes, criando outro paradoxo no sistema: o consumo exacerbado e o alto nível de endividamento.

Para atenuar este impasse, a educação financeira exerce um papel fundamental no processo de escolha do padrão de consumo adotado, mesclando a busca da satisfação de suas necessidades e também do equilíbrio orçamentário, que trataremos a seguir.

O PAPEL DA EDUCAÇÃO FINANCEIRA E A QUALIDADE DE VIDA

O planejamento de nossa vida financeira é fundamental para tornar os objetivos e sonhos em realidade. Na medida em que elaboramos e fazemos os devidos ajustes ao planejamento financeiro, passa a ser possível programar a realização destes sonhos.

O planejamento do orçamento doméstico deve começar necessariamente por uma profunda reflexão sobre quais são os valores compartilhados por nós e nossa família. Quais são as prioridades de longo prazo, curto prazo, e assim fixar os objetivos comuns (SCHENINI, e BONAVITA, 2004).

A confrontação entre o querer e o ter deve ser decidido baseado nas condições existentes. De uma forma geral, existe uma grande diferença entre o que se espera e o que se tem no momento.

Cabe ressaltar que as prioridades estabelecidas variam conforme o estágio do ciclo de vida da família ou do indivíduo. Um estudante está pensando em como custear seus estudos, um casal jovem em comprar a casa própria enquanto uma pessoa com uma idade mais avançada estará mais preocupada em acumular recursos para garantir uma aposentadoria tranquila.

A verdade é que a grande maioria das famílias não planeja as suas atividades, não se antecipa a problemas e tem dificuldades quando eles aparecem, agem apenas quando pressionadas e tomam decisões por impulso, baseadas na emoção e não na razão. Daí que a sedução do consumo, a busca pela diferenciação, as facilidades na aquisição de bens e serviços, exercem grande poder no comportamento das pessoas, levando-as a consumirem mais do que a sua capacidade de pagamento e ou endividamento permite.

No Estudo da Radiografia das Famílias nas Capitais Brasileiras do Fecomércio / SP, mostra que o volume de crédito apresentou crescimento real expressivo entre 2011 e 2010, em torno de 11%, a média de operações de novos empréstimos permaneceu estável, o que sugere que novas operações foram feitas para consumidores já endividados.

O total médio estimado da dívida das famílias brasileiras cresceu em média 11,57%, no mesmo período, sendo que Curitiba registrou a maior alta. 33,62% e Aracaju apresentou a maior retração, 16,11%. Apesar de o Brasil ter apresentado um crescimento da renda real nos últimos anos, o elevado grau de comprometimento da renda com endividamento é preocupante, com aumento nas capitais de 6,39%, sendo que o total de famílias endividadas aumentou de 58,58% para 62,5%.

Os dados relativos ao crescimento do endividamento refletem o maior acesso em bens de consumo, o que é bom, em termos de qualidade de vida, se este consumo for vinculado às necessidades “reais”, mas também reforçam a tese as famílias têm cedido aos apelos do consumo pelo consumo, ao modelo moldado na sociedade do espetáculo Debordiano, não utilizando orçamento pessoal / familiar como fundamentação de suas ações de consumo e investimento.

A independência financeira pode ser entendida como uma renda que satisfaça as necessidades da família. Esta pode ser obtida de diversas formas, seja com imóveis e salários, ou com poupança e investimentos regulares iniciados o mais cedo possível, criando um fluxo de recursos suficientes para a manutenção dos gastos correntes.

O planejamento financeiro não significa simplesmente "não ficar no vermelho", mas tem sim por objetivo conquistar um padrão de vida e conseguir mantê-lo.

Segundo Cerbasi (2004, p. 69), "O drama é que a maioria das pessoas não pode se dar a tal luxo, pois são escravos da renda". "Felizmente é possível mudar o quadro", "Se decidirem enriquecer por escolha, de forma planejada, poderão ter um futuro muito mais prospero".

O autor finaliza dizendo que "É rico quem tem uma vida feliz, saúde para vivê-la e também uma renda garantida para manter essa felicidade conquistada ao longo da existência".

Para elaborarmos o projeto de vida individual ou familiar, certamente temos que estabelecer parâmetros, fazer escolhas e ações pautadas na sustentabilidade, seja econômica, social e ambiental, pois todas estão entrelaçadas, ao definirmos os padrões de consumo vamos afetar os moldes de produção das empresas e estas, ao disponibilizarem produtos e serviços sustentáveis, respeitando os limites do meio-ambiente, teremos uma sociedade mais justa e equilibrada, criando as condições necessárias para uma boa qualidade de vida, garantindo este mesmo padrão para as gerações posteriores.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O modelo de desenvolvimento atual é insustentável sob o ponto de vista sustentável, tanto econômico, como social e ambiental. O meio ambiente dá sinais de esgotamento em função do excesso de resíduos gerados, poluição, o desequilíbrio dos ecossistemas, a exploração da mão-de-obra, entre outros, a escassez de recursos renováveis, de forma que mudanças culturais, comportamentais e corporativas sejam colocadas em prática urgentemente para a manutenção e o equilíbrio do planeta.

A perspectiva *Triple Bottom Line*, parte do pressuposto que a sustentabilidade é o resultado do equilíbrio entre os pilares sociais, ambientais e econômicos, sendo

fundamental uma ampla conscientização sobre a necessidade de mudança de paradigmas, na busca de produtos e serviços desenvolvidos sobre as bases da sustentabilidade.

Princípios e diretrizes são baseados em valores e estes são inerentes a aspectos culturais de cada indivíduo ou empresa, ou seja, a sustentabilidade congrega valores que estão alicerçados na lógica e na ética, e estes precisam nortear todas as decisões individuais e coletivas.

Sob o ponto de vista empresarial, a expansão da aplicação de conceitos de governança corporativa, que compreende não só o equilíbrio financeiro como a transparência e a sustentabilidade dos negócios, assim como também a política dos países desenvolvidos, que são os principais causadores dos malefícios ao meio-ambiente, notadamente os Estados Unidos da América, que assinou, mas não ratificou o protocolo de Kyoto de controle de poluentes, ajudaria de forma significativa à mudança de paradigma hiperconsumista vigente, a sociedade do espetáculo apontada por Debord.

Sob a perspectiva individual e das famílias, a adoção de padrões de consumo compatíveis com suas necessidades, como também de sua capacidade de pagamento e consequente equilíbrio financeiro, evitaria muitos desgastes e tornaria a vida do cidadão mais tranquila e equilibrada, na medida em que seus objetivos e metas sejam planejados passo a passo e colocado em prática conforme os recursos disponíveis.

Para elaborarmos o projeto de vida individual ou familiar, certamente temos que estabelecer parâmetros, fazer escolhas e ações pautadas na sustentabilidade, adotando padrões de consumo focados em produtos e serviços sustentáveis, respeitando os limites do meio-ambiente, teremos uma sociedade mais justa e equilibrada, criando as condições necessárias para uma boa qualidade de vida, garantindo este mesmo padrão para as gerações posteriores.

REFERÊNCIAS

CVM - COMISSÃO DE VALORES MOBILIARIOS. Recomendações da CVM sobre governança corporativa, 2002, disponível em: <http://www.cvm.org.br>.

CERBASI, Gustavo P. Casais inteligentes enriquecem juntos: finanças para casais, 37. ed. São Paulo: Editora Gente, 2004, págs.

DEBORD, Guy. A sociedade do Espetáculo, eBooksBrasil.com, 2003, págs. 13-4.

_____. A sociedade do Espetáculo, eBooksBrasil.com, 2003, pág. 19.

FECOMERCIO/ SP. Radiografia das Famílias nas Capitais Brasileiras, 2012, págs.

LAVORATO, Marilena L.A. Cultura de sustentabilidade para transformar realidades, cap. 1, item 2, in: Bellucci , Obata e César (orgs), Ciência e Tecnologia como vetores para a Sustentabilidade, São Paulo, Vespa Comunicações, 2013, págs. 40-47.

MESSIAS, José Flávio. Trabalho e Emprego: Perspectivas para a Unificação Social no Mercosul, Tese de Doutorado, PUC/SP, 2001.

PEREIRA, Agostinho O.K., PEREIRA, Henrique M. K. e CALGARO, Cleide, A sustentabilidade numa sociedade hiperconsumista, in: Consumo e Sustentabilidade, Pilau Sobrinho, L.L. e Silva, Rogério, Ed. Universidade de PASSO Fundo, 2012, págs. 56-57.

_____. A sustentabilidade numa sociedade hiperconsumista, in: Consumo e Sustentabilidade, Pilau Sobrinho, L.L. e Silva, Rogério, Ed. Universidade de PASSO Fundo, 2012, págs. 54-74.

OLIVEIRA, Flavio. Ecoeficiência: a gestão do valor ambiental, São Paulo, Editora EPSE, 2007, págs. 16-17.

_____. Ecoeficiência: a gestão do valor ambiental, São Paulo, Editora EPSE, 2007, pág. 14.

RODRIGUEZ, Gregorio M. & Brandão, Mônica M., Visões da Governança Corporativa: a realidade das sociedades por ações e a sustentabilidade, São Paulo, Saraiva, 2010, págs.

SANTOS, Boaventura de S., Pela Mão de Alice: O social e o político na pós-modernidade, 4ª ed., São Paulo, Cortez, 1997, págs.

SCHENINI, Paulo Henrique e BONAVITA, J.R., Finanças para não financistas: princípios básicos de finanças para profissionais em mercados competitivos, Rio de Janeiro, 2004, págs.

Financial Education, Consumer and Environmental Sustainability

Alessandro Marco Rosini
Centro Universitário das Faculdades Metropolitanas Unidas
alessandro.rossini@fmu.br

José Flávio Messias
Universidade São Judas Tadeu
jflaviomessias@hotmail.com

Angelo Palmisano
Centro Universitário das Faculdades Metropolitanas Unidas
angelo.palmisano@fmu.br

Orlando Roque da Silva
Centro Universitário das Faculdades Metropolitanas Unidas
orlando.silva@fmu.br

ABSTRACT

This paper discusses the importance of individual awareness, corporate and government itself seeks to balance the current economic system, based on the strong competition on a global scale, in raising productivity and hyper, bringing nature to show signs of exhaustion. Therefore, the adoption of patterns of consumption and production linked to the availability of resources that the environment can provide currently optimizing existing resources, avoiding waste, balancing existing ecosystems. At the individual level, conscious consumption and budget balance are key factors in this process, as well as companies can adopt the principles of corporate governance, with greater transparency and balance in order to perpetuity of the company and non profit long term, seeking joint actions with society in the search for solutions to obtain the economic, social and environmental.

Keywords: Financial Education, Consumer and Environmental Sustainability, Culture and Ethics.